

Educação Musical criativa: práticas e desafios contemporâneos |

Carta aos educadores musicais, professores
da educação básica e estudantes de música

Carlos Kater

Projeto A Música da Gente
carloskater@gmail.com
orcid.org/0009-0007-8568-2125

 Recebido em: 29/09/2025

 Aprovado em: 16/11/2025

 dx.doi.org/10.33054/MEB141706





Resumo

Este texto é uma carta destinada ao educador/a musical, professor/a ou estudante de música, onde se procura refletir sobre algumas ideias capazes de promover, de forma positiva, um trabalho com educação musical. A partir de cursos, oficinas ou outras ações ministradas por seu autor, é feito um convite para que o/a leitor/a reflita sobre as suas qualidades e limitações pessoais e profissionais enquanto educador/a. São oferecidas propostas práticas como a escuta de obras musicais originais e atividades criativas baseadas na análise de obras visuais para o desenvolvimento de composições em analogia aos temas discutidos: a indagação, a escolha, a produção coletiva e a quebra de padrões automatizados de comportamento e entendimento. Em seguida, é apresentada e discutida a proposta de um Modelo Integrador de papéis do/a educador/a musical atual, visando repensar a definição de um profissional que tenha como meta a música, a educação e a consciência. Ao término reflete-se sobre o desempenho esperado de uma Educação Musical brasileira hoje, a fim de que possa contribuir para a discussão sobre práticas e desafios contemporâneos nessa área.

Palavras-chave: Educação musical. Criatividade musical. Modelo Integrador do educador musical.



Creative Music Education: contemporary Practices and Challenges – A letter to Music Educators, School Teachers, and Music Students

Abstract

This text is a letter addressed to the music educator, the teacher, or the music student, intended to foster reflection on ideas that may positively contribute to the practice of music education. Drawing on courses, workshops, and other initiatives conducted by the author, the reader is invited to consider their personal and professional strengths and limitations as an educator. Practical suggestions are presented, such as the listening of original musical works, and creative proposals based on the analysis of visual artworks, aimed at developing compositions in analogy with the themes under discussion: questioning, making choices, producing collectively, and breaking automated patterns of behavior and understanding. The proposal of a teacher's Integrative Model for the contemporary music educator is introduced and discussed, aiming to rethink their role as a professional committed to music, education, and consciousness. Finally, the text reflects on the expected role of Brazilian Music Education today, seeking to contribute to the dialogue on contemporary practices and challenges in the field.

Keywords: *Music education. Musical creativity. Music teacher's Integrative Model.*

KATER, Carlos. Educação Musical criativa: práticas e desafios contemporâneos – Carta aos educadores musicais, professores da educação básica e estudantes de música. Revista Música na Educação Básica, v. 14, n. 17, e141706, 2025.

Decidi escrever uma carta aos educadores musicais, professores e estudantes de música que já participaram de cursos, oficinas e outras ações que ministrei; e também a você, leitor, leitora, com quem compartilho aqui alguns pontos que considero importantes e que, por vezes, não são possíveis tratar suficientemente em encontros de breve duração¹.

Nestas ações de formação, procurei criar oportunidades para abordar e refletir sobre assuntos que considero importantes, significativos, e realizar atividades que espero sejam úteis e auxiliem os profissionais da área a promoverem de maneira positiva o trabalho que já desenvolvem ou que virão em breve a desenvolver.

Sempre menciono em meus cursos: não se esqueça que a utilização das atividades musicais propostas enquanto simples réplica não fará jamais jus ao que suas propostas representam. Crie variações para elas a fim de **reinventá-las e adaptá-las** às particularidades dos estudantes com que você trabalha, de alinhá-las aos objetivos que visa alcançar, aos planos de aula ou do curso que ministra, bem como às condições que tem ou terá para conduzir seus encontros de trabalho.

Para começar, você aceita um convite?

Escreva as três qualidades que considera ter – qualidades, talentos, pontos fortes ou facilidades que, como indivíduo, possui de maneira característica e que permitem representar o que você mais gosta e faz de melhor, expressando a pessoa que é.



1. Esta carta foi originalmente dirigida aos participantes do minicurso que levou o mesmo título deste artigo, e foi ministrado no XXI Encontro Regional Sul da ABEM, em 21 e 22 de novembro de 2024, em Maringá-PR. A estes participantes, afirmo o prazer que tive com nosso encontro para trabalharmos juntos, em um valioso momento de trocas, descobertas e realizações. Agradeço à ABEM, ao SESC, à UEM e aos demais parceiros pelo convite e oportunidade de trabalho conjunto.



Por outro lado, reflita e liste também as suas **três principais limitações** – entraves, dificuldades, fragilidades, empecilhos que inibem ou tolhem a pessoa que você é ou que pode vir a ser de forma mais plena.

Depois de ter feito esses registros, o que você acha de oferecer-se um tempo regular para registrar as suas reflexões relativas ao seu trabalho enquanto Educador/a Musical²? E, se concordar, poderá então avançar essas reflexões em direção a outras. Minha sugestão nesse sentido é que você se pergunte: “O que tenho feito ultimamente para desenvolver, de maneira adequada, as qualidades que reconheço sinceramente em mim?”; “Estou fazendo uso desses meus ‘pontos fortes’ para realizar o trabalho que me proponho como educador/a musical junto aos estudantes e igualmente junto à sociedade?”.

Avançando um pouco mais... “De que maneira essas qualidades que possuo se manifestam na criação das atividades educativo-musicais que proponho em meu trabalho?” E ainda: “Tenho sido de fato coerente entre o que tenho pensado, escrito ou dito sobre Educação Musical e a minha própria prática ou atuação na área?”³

2. Você pode dedicar, por exemplo, uns 10 ou 15 minutos todas as noites, antes de dormir, ou programar no despertador de seu celular cerca de 30 minutos a cada dois ou três dias num momento mais favorável da rotina.
3. Na pauta dessas reflexões cabem outras que podem ser muito úteis também, como por exemplo: “Como minhas qualidades se expressam no plano de aula que traço e em minha condução dos processos musicais, formativos e relacionais durante a aula ou o encontro como um todo?”; “Será que tenho oferecido estímulos suficientemente ricos, atraentes e convidativos para que os estudantes participem com qualidade de presença em minhas aulas?”; “Sou uma referência de determinação para cada um deles na busca de melhores resultados de desempenho, em especial nos momentos de desafio ou de dificuldade?”; “Espelho um equilíbrio saudável e consciente das relações entre eles próprios e também entre eu e cada um deles e com o coletivo?”. Mesmo sabendo que muitas outras questões poderiam ser formuladas, fica a pergunta: como essas acima ecoam em você, se sente convidado a refletir sobre elas ou algumas delas?

Uma questão relevante: “Como utilizo as qualidades que reconheço em mim para motivar os estudantes a mergulharem no processo musical e relacional que vivenciam em nossos encontros, a contatarem com mais profundidade a própria musicalidade e, ao mesmo tempo, conhecerem-se melhor (mais plena e livremente) enquanto seres humanos que são?”.

E agora, por outro lado, algumas questões relativas às suas incompletudes e imperfeições: “O que tenho feito para superar as limitações que me freiam e me distanciam da pessoa melhorada que posso ser? Meus medos, inseguranças, reações automáticas, emoções negativas etc. continuam a me limitar e me afastar da realização de meus projetos e desejos?”. E aqui é valioso que experimente se observar enquanto age e atua, buscando ser uma testemunha imparcial de si e a refletir após, com lucidez, sobre o que observou.

Num instante posterior, empenhe-se em pôr em prática as modificações que julgar necessárias para melhorar a sua maneira de funcionar como pessoa (de se perceber, pensar, sentir, atuar, reagir), assim como de controlar as suas emoções negativas, as suas reações automáticas, os seus preconceitos, a crítica excessiva, os pensamentos repetitivos ou limitantes, em vista de se tornar uma pessoa cada vez melhor, mais lúcida e esclarecida.

De toda maneira, se queremos mudar algo na realidade onde atuamos precisamos considerar que possivelmente a maneira como a enxergamos e a interpretamos – nossa visão de mundo – precisará também ser transformada. E isso é tanto importante quanto urgente, sendo esse maior “conhecimento de si” uma condição necessária não somente para o seu desempenho pessoal, mas igualmente profissional, qualificando o perfil do Educador/a Musical empenhado em se manter em sintonia com as questões maiores de seu tempo.





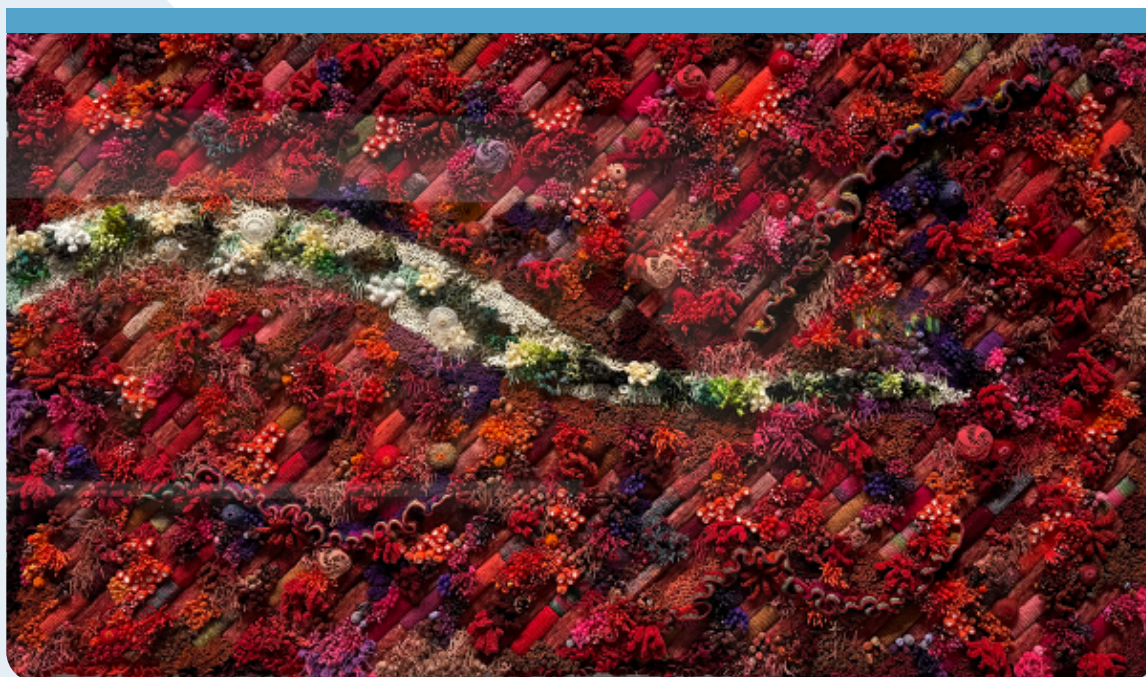
Sugestões musicais



Assista aos clipes musicais das obras “Sinceridade”, “Coragem” e “Liberdade”, escutando cada uma delas em suas três variações.

Interlúdio artístico e reflexivo

Quando olhamos “de longe”, com certo distanciamento físico (percepção macro) a obra abaixo⁴, vemos uma linha de cor clara sobre um território de cor vermelha, numa relação de “Figura x Fundo”.



Um dos painéis do tríptico intitulado “Fadi” de Isabelle D. Fonte: Foto do autor - Art Basel Miami (NY)

Se considerássemos essa obra uma partitura, e se fôssemos interpretá-la musicalmente, poderíamos considerá-la composta por dois eventos musicais: um representando a linha clara (figura) e o outro o contexto de vermelhos (fundo).

4. Trabalho de Isabelle D (1966), artista francesa criada na Argélia que faz parte de um tríptico, intitulado “Fadi” (2024), realizado com fibras de crochê e malha, tecidas sobre tela (250x150x15cm). Seu trabalho marca um projeto ambicioso com mais de 105.000 peças crocheadas, bordadas e fabricadas individualmente. “Fadi” significa redentor ou salvador, entrelaça narrativas históricas e contemporâneas, refletindo tanto o legado colonial da Argélia quanto as contínuas lutas dos territórios ocupados. Com Fadi, ela explora a traumatologia, aprofundando-se em feridas psicológicas e caminhos para a cura através do meio expressivo da arte têxtil contemporânea.

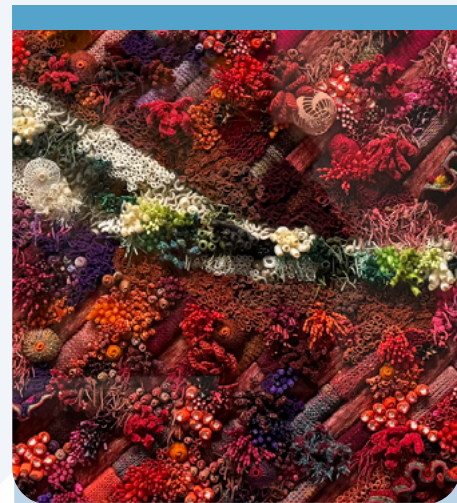
Se nos aproximarmos e observarmos com mais atenção perceberemos que tanto a linha quanto o fundo possuem texturas e detalhes muito ricos e variados de sonoridades “internas”. Nessa perspectiva, a interpretação “chapada” de apenas uma linha e de um fundo simples não dará cabo de representar a riqueza complexa das texturas que existem e agora podemos perceber.

Portanto, esses dois eventos musicais complexos, quando interpretados, poderão envolver mais de dois intérpretes a fim de que sua representação se aproxime da riqueza dessas duas texturas.

Como uma das múltiplas possibilidades de exemplo de variação, podemos observar aqui o trabalho “The Color of Sound”⁵, e uma das variantes da proposta de Andy Warhol sobre o rosto de Marilyn Monroe: “Marilyn Nine Times”⁶, do artista visual norte-americano que é considerado o Papa do Pop.



“The Color of Sound” de February James.
Fonte: Foto do autor - Rubell Museum (NY)



Detalhe de um dos painéis do tríptico “Fadi” de Isabelle D.
Fonte: Foto do autor - Art Basel Miami (NY)



“Marilyn Nine Times” de Andy Warhol.
Fonte: Foto do autor - Art Basel Miami (NY)

5. February James nasceu, vive e trabalha em Washington (EUA). “The Color of Sound” é um trabalho de 2021, em aquarela, tinta, pastel a óleo, bastão de óleo e carvão sobre tela, medindo 187x198cm.
6. Andy Warhol (1928-1987), “Marilyn Nine Times” (Reversal Series), 1979-1986. Tinta de polímero sintético e tinta serigráfica sobre tela (127x101,6cm).

Podemos recorrer a uma música ou atividade musical já existente e até mesmo a uma referência muito conhecida e criar, a partir dela, uma proposta original e poética, que, ao lado das aparências e evidências, nos **indague**, provocando alguma questão valiosa e significativa, promovendo reflexões férteis nos impulsionando em direção à criação de novas outras propostas originais. Observe a obra “Estátua da Liberdade”⁷, proposta por Keith Haring, em 1982.

Sempre temos **escolhas**, mesmo quando não as percebemos. Daí a importância de estarmos atentos e na observação. E essas escolhas podem ser de diversas ordens, de afinidade estética, opção de estilo, abordagem educativa etc., assim como a possibilidade de avaliar qual o caminho que desejamos experimentar e imprimir em nosso trabalho.

Desde aí então, sendo o caso, tomar a decisão de, por exemplo, optar por princípios de abordagem que privilegiem o humano, como por exemplo, buscar excluir de nossas ações e relações a violência evidente e as inúmeras manifestações das “doces violências” que, todos nós, podemos praticar, de maneira desatenta ou intencional.

A obra abaixo, de Diamond Stingily, “Entryways” (Entradas), põe em evidência formas de autopreservação em comunidades negras que enfrentam violência sistêmica. Conforme diz: “Acho que a violência faz parte do dia a dia de muitas pessoas. Não viver na violência é um privilégio”⁸. Podemos observar aqui a presença do princípio de variação, cinco portas distintas e originais, todas elas, porém... portas!, além de brancas, usadas, equidistantes e com um taco de beisebol posicionado semelhantemente.



“Statue of Liberty” de Keith Haring.
Fonte: Foto do autor - Rubell Museum (NY)

7. Keith Haring (1958-1990) viveu e trabalhou em Nova York. “Statue of Liberty” (Estátua da Liberdade) é de 1982, feita em acrílico e esmalte, fibra de vidro com luz negra, medindo 241,3 x 88,9x35,6cm.

8. “Entryways” (Entradas), criada em 2017 por Diamond Stingily (Chicago, 1990), artista que vive e trabalha no Brooklyn (Nova Iorque).



"Entryways" de
Diamond Stingily
Fonte: Foto do autor -
Rubell Museum (NY)

A imagem que apresento agora poderia ser, a seu ver,
uma partitura gráfica ou um estímulo visual potente,
desencadeador de uma realização musical autêntica?

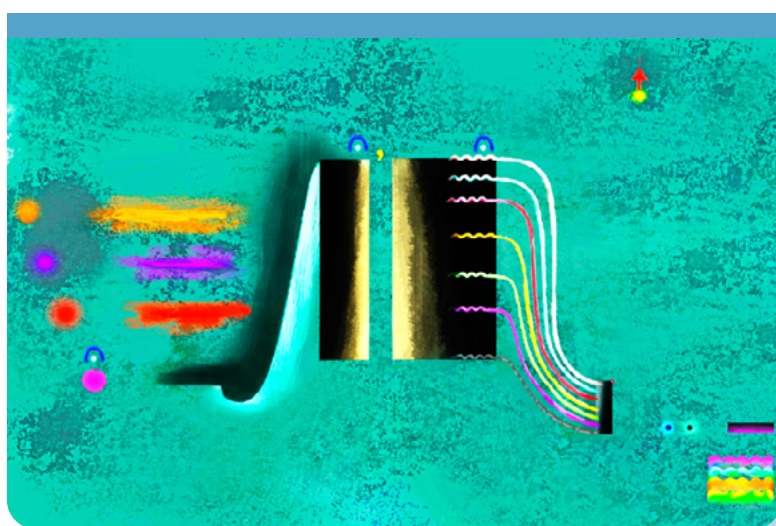


"Douradinha em cinza
e marrom" de Beatriz
Milhazes.
Fonte: Foto do autor -
Art Basel Miami (NY)

Embora seja possível interpretar sonoro-musicalmente essa tela⁹ ou criar mais livremente uma música a partir dela, considerá-la enquanto partitura pode colocar dificuldades importantes para sua realização, sobretudo para pessoas não experientes.

Já a imagem abaixo é de uma partitura gráfica concebida enquanto representação de uma música criada por um músico para ser interpretada enquanto música viva e sonora, o que favorece uma realização mais prazerosa e segura, a nível de aprendizados musicais significativos ao lado de um resultado final artístico mais qualificado.

Repare que ela está constituída basicamente por três elementos: ponto, linha e bloco. E tais elementos da composição devem assim estar evidenciados na interpretação da partitura, lembrando, entretanto, que diferentes formas de interpretação devem ser exploradas de maneira a enriquecer a experiência formidável de se fazer música, seja só ou em conjunto.



"Ponto, linha e bloco" de C. Kater.
Fonte: Arquivo do autor

Uma partitura...

Sugiro ponderar que, se os sons que ouvimos podem ser considerados música - conforme seja a forma de escuta e entendimento que adotemos - os traços, cores e formas que apreendemos podem por sua vez se oferecer como signos de uma partitura passível de ser interpretada, como esta acima. Por outro lado, é possível imaginarmos uma música gestual e propor para ela uma partitura, uma forma de representação que viabilize a sua interpretação.

9. "Douradinha em cinza e marrom" (2016), obra criada pela artista brasileira Beatriz Milhazes, em acrílico sobre linho (200x240cm).

Observe esta **partitura**, bastante acessível, de uso útil e ágil, mesmo para pessoas pouco experientes, desde que seus signos sejam claramente informados e os processos de montagem e de interpretação bem conduzidos¹⁰.

Medo do quê? Medo de quem?

A música, como toda arte, não se diferencia apenas pelas modalidades e estilos segundo os quais se manifesta, mas igualmente pelos diferentes estímulos e necessidades que estão na base de sua existência.

“Medo do quê? Medo de quem?” é uma proposta original de educação musical que desejo compartilhar com você. Ela articula abordagem dialógica, música de invenção e autoconhecimento, e se realiza mediante um processo de criação musical, que articula resgate de memória, vivências e histórias pessoais compartilhadas.

Construção coletiva, ela envolve, em primeiro lugar, um levantamento delicado da presença do medo na vida dos participantes, com partilha livre dos resgates feitos na história pessoal de cada pessoa.

Após então, segue-se um processo de **criação musical** que incorpora de forma própria e estruturada a expressão de algumas dessas memórias (trabalho cuidadoso, discreto e respeitoso de reflexão e avaliação coletiva).

Em geral emergem medos mais usuais, como o de escuro, cachorro, trovão, assalto, morcego, barata, fantasmas...

10. As setas em direção ao interior em fundo amarelo correspondem a palmas individuais; as setas em direção ao exterior com fundo verde a palmas laterais com os vizinhos à direita e à esquerda; as setas em fundo azul indicam palma realizada com a mão direita em posição “pede” e com a mão esquerda na posição “dá” (simultaneamente); e as setas em fundo vermelho indicam o contrário (palmas com inversão de ambas as mãos).

	→ ←		← →	
Repete 2x	→ ←		← →	
2a. vez PP	→ ←	→ ←	← →	← →
	→ ←			
	↑ ↓			↑ ↓
Repete 2x	↓ ↑			↓ ↑
2a. vez PP	↑ ↓	↓ ↑	↑ ↓	↓ ↑
	↑ ↓	↑ ↓	↓ ↑	
	→ ←	← →	↑ ↓	↓ ↑
Repete 2x	→ ←	← →	↑ ↓	↓ ↑
	→ ←	← →	↑ ↓	↓ ↑
Casa 1				
Casa 2			→ ←	↑ ↓

“Jogo das flechas” (C. Kater)
Fonte: Arquivo do autor

No entanto, em momentos mais avançados do encontro, passam a ser mencionados medos mais profundos e específicos, como o de falecimento de algum familiar, o de que o pai ou a mãe fiquem desempregados, a perda de moradia, o de ser excluído ou maltratado/a por alguém, o de assistir ou ser vítima de violência dentro e fora de casa etc.

“Medo do quê? Medo de quem?” favorece o resgate de histórias do passado e tomada de consciência de vivências do presente, permitindo a avaliação de sensações, emoções e pensamentos, com partilha em grupo. E essa partilha em condições de respeito, acolhimento e compreensão permite o esclarecimento da consciência do que se esconde por trás do medo, da violência, de ameaças veladas ou do que está calado pela vergonha.

E esse tipo de silêncio representa o aprisionamento de partes importantes de si que acaba por determinar posturas reativas incontroladas, bem como entendimentos equivocados e decisões involuntárias inadequadas a nível de relacionamento social.

Partitura de “Medo do quê? Medo de quem?” em processo coletivo de elaboração em sala de aula.
Fonte: Foto do autor - Projeto A Música da Gente





Para escutar

Assista a essa criação musical – resultado de processo educativo-musical dialógico original – realizada pelas crianças de uma das turmas do 7º ano do CEU Regina Rocco II, participantes do projeto “A Música da Gente”. O protagonismo dos jovens se estende aqui da criação musical à interpretação, à produção da montagem e à execução da gravação do videoclipe.



Acredito que hoje seja essencial concebermos propostas criativas nos processos de Educação Musical que possam, além dos objetivos perseguidos usualmente (aspectos técnicos da música, enquanto linguagem e formação musical, instrumental ou vocal), procurar maior valor social e cultural, representando ainda problemáticas mais amplas.

Nesse sentido, avalie a possibilidade de incluir no processo educativo-musical questões da história da música, de suas invenções, usos e realizações, bem como ainda histórias pessoais com conteúdos emocionais e psicológicos pertinentes junto àqueles com quem trabalha, abordados com descrição, delicadeza e empatia, e tratados numa forma estética musical contemporânea e brasileira¹¹.

Propostas que tenham seu foco de interesse – não exatamente em metodologias – mas em estratégias e abordagens que permitam fazer e criar trabalhos que, dentre suas proposições musicais sejam capazes também de colapsar e romper com normas convencionais usualmente utilizadas não por escolhas voluntárias, mas por facilidade, comodidade, inércia ou convenção, em geral sem questionamento, inquietação e, por consequência,

11. E por isso a necessidade imperiosa de um trabalho anterior e continuado sobre si, por parte do profissional da educação musical, como venho insistindo, sem o qual abordagens dessa natureza podem se tornar tanto uma brincadeira simples e superficial, quanto, no outro extremo, um exercício potente conduzido, porém, de forma irresponsável.

sem originalidade, intencionalidade ou qualquer modalidade de inovação.

Lembre-se de que tudo o que temos hoje é resultado de construções e reivindicações históricas, para o que há de positivo, e de descaso e falta de fôlego para o que não foi possível dar conta criar, compreender, combater ou sustentar.

Assim, pense sobre o que pode fazer nesse momento que represente justamente esse tempo de agora em que você e seus colegas estão na linha de frente ou já bem próximos dela! Compete a você criar alternativas novas para as questões atuais, em sintonia com o lugar e o tempo que habita hoje.

E ninguém melhor do que você própria/o para experimentar essas novas modalidades de compreensão e colocá-las em prática, a fim de contribuir para a transformação da realidade, na direção em que considera mais necessária, em resposta às problemáticas mais significativas da contemporaneidade e com o melhor aproveitamento possível das conquistas do passado que lhe antecedeu.

Mas indo um pouco além do que já se tem em mente e avançando fronteiras, pois...

Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade.

Clarice Lispector¹²

12. “Diálogo do Desconhecido”, no livro “A Descoberta do Mundo” (Rocco, 2021).

Não se trata, portanto, de viver a música na aparência do conhecido, nem permanecer numa forma padronizada e imutável de escuta, nem se restringir a uma concepção de ensino, de relação interpessoal ou postura dentro e fora da sala de aula. A forma que comporta nossa expressão já pronta e assim a contém – sendo desse ponto de vista aliada e de grande valia – é também o receptáculo que retém e limita, representando assim, simultaneamente, um porto de conforto e uma segura prisão.

Arte e música não se confinam aos gêneros musicais existentes, mas podem brotar e viver nas propostas originais criadas pelo educador/a musical em seu trabalho vivo com os estudantes. E a originalidade de todo trabalho educativo musical não é um “a priori”, mas uma decorrência que nasce a partir daquilo que os educadores/as fazem com base nas necessidades que atentamente observam e nos repertórios culturais e humanos que eles próprios possuem e daqueles que percebem, apreendendo junto às pessoas com quem trabalham.

E isso significa oportunidade de ampliar horizontes, de modo a que esse/a profissional, que atua com tantas e tão diversas pessoas, não considere o mundo e a música restritos à ótica limitada de sua própria visão.

Aliás... se você não acreditar que a Educação Musical pode prejudicar, traumatizar, fazer mal ou no extremo até “matar” de alguma maneira uma pessoa (sobretudo algo da essência em uma criança), então você também não acreditará que a Educação Musical pode salvar, trazer um benefício ou fazer qualquer tipo de aporte positivo às pessoas em geral.

Nesse caso então, eu o convidaria gentilmente a refletir sobre a possibilidade de mudar de profissão, pois muito possivelmente você deve considerar a música e a Educação Musical apenas uma atividade divertida, um passatempo, onde se toca ou se canta qualquer tipo de repertório, independente da função da música, da faixa etária, da cultura, do interesse e das necessidades dos participantes.

Mas sinceramente, espero que não seja esse o seu caso!

Os “5 Ps”... O papel atual do/a educador/a musical

Dentre as propostas de modelo educativo-musical que podemos ter hoje há uma que chamo **Modelo Integrador**, que experimentei no grupo “Musicantes” e venho adotando há alguns anos no projeto “A Música da Gente”.

Ele corresponde a uma abordagem mais ampla, que não restringe a figura do Educador/a Musical a de um professor transmissor de informações, independente das condições do fato educativo, das características do estudante, das particularidades da formação, nem tampouco a de um estimulador de reflexões com posicionamento crítico-ideológico, algumas vezes em detrimento de aspectos musicais da formação propriamente dita.



5Ps - Quadro ilustrativo das cinco qualidades visadas no processo de formação ampliado.

É possível termos hoje a imagem de um profissional atuando de maneira a integrar e reunir todos os papéis que mencionamos antes (constituídos em momentos passados durante a longa trajetória de consolidação de nossa profissão), de maneira equilibrada e integrada com a função central de quem promove a formação musical e o desenvolvimento pessoal dos estudantes, através da educação, da relação interpessoal equilibrada e saudável e da criação musical, oferecendo oportunidade de experiências vivas e inventivas.

Ou ainda simplesmente escolher qual dessas funções ou papéis é mais adequada para ser desempenhada num dado momento, numa dada atividade ou etapa do processo formador.



Modelo INTEGRADOR

Foco no Educador e no Humano,
seus potenciais, qualidades e limitações
Meta visada: “Música, Educação & Consciência”

Inclusão do/a profissional da Educação Musical no processo enquanto...

- Referência do processo formador, propondo, estimulando e mediando a aprendizagem
- Foco no Saber, no Querer Saber, no Saber Fazer e no Ser
- A presença desses focos implica na busca de um equilíbrio entre competências ampliadas, isto é: competências técnicas, mas também competências humanas.
- Educador/a atua como educador-professor-formador-facilitador, mediador dialógico, compositor, regente, musicólogo, produtor etc.
- Suas funções de caráter técnico estão, em princípio, asseguradas tradicionalmente pela formação acadêmica.

No que se refere ao desenvolvimento das competências humanas, há, contudo, necessidade de complementação de sua formação, tendo por base áreas diversas do conhecimento como, por exemplo, novas

abordagens da filosofia, da educação, da psicologia, da história contemporânea e tantas outras mais, que informem e promovam a reflexão e a ampliação do conhecimento

- Há uma imperiosa necessidade de contrapartida prática, a fim de que tais informações não fiquem restritas a simples “dados” mas ao contrário gerem conhecimento efetivo, capaz de estimular e orientar novas atitudes, posturas e comportamentos

É sempre oportuno observarmos que, apesar do que tantas pessoas dizem e desejam, ou mesmo nós próprios costumamos falar... fazer música ou arte, ser músico ou artista não implica por si só numa transformação da sociedade, num aprimoramento humano, nem tampouco numa qualificação da pessoa que faz ou usufrui música ou arte.

O que pode sim aprimorar os indivíduos e transformar para melhor a sociedade é o **trabalho determinado, sincero e consciente, realizado sobre a própria pessoa, mediante os recursos oferecidos pela música num fazer educativo diferenciado na abordagem e competente em seu trato.**

E o característico de uma educação musical diferenciada é, ao invés de “simplesmente ensinar”, oportunizar uma vivência significativa; ao invés de “meramente transmitir”, dar condições de voz, diálogo e compreensão para os participantes; ao invés de “apenas reproduzir”, promover o entendimento, a percepção, a musicalidade, a interação, o autoconhecimento, a invenção.



Leitura complementar



“Interlúdio musicológico: 80 anos da segunda fase do movimento ‘Música Viva’”, por Carlos Kater.

Uma educação musical que tenha o ser humano por objetivo não institui apenas presenças – como a de fundamentos, procedimentos, estratégias e conteúdos musicais eficazes –, mas enfatiza igualmente ausências; ausência de todos os tipos de negação, invalidação e exclusão, manifestas de maneira sutil ou explícita, pela crítica excessiva, por julgamentos e preconceitos de ordens diversas (estética, moral, ideológica, pessoal, entre tantas mais).

O que podemos esperar de uma Educação Musical hoje?

Podemos esperar que uma Educação Musical brasileira hoje inclua em suas propostas de ação um número maior de pessoas e propicie que todas elas, sem exceção, tenham oportunidade tanto de desenvolverem a sua musicalidade e criatividade – da maneira mais autêntica possível –, quanto de se conhecerem com mais consciência, a fim de atuarem com originalidade, protagonismo e responsabilidade junto à sociedade de seu tempo, legando sua contribuição mais legítima. E vale observar que, uma proposta educativo-musical contemporânea que realmente se pretenda útil, valiosa e necessária, deve conter no bojo de seu projeto a criação. A criação que, pela liberdade necessária a seu exercício, demanda escuta, interação, tolerância, determinação e compreensão, mas também sinceridade, não-conformismo, coragem e imaginação.

Esses termos correspondem não a simples palavras, mas a qualidades que são atributos tanto da criação musical quanto da “invenção de si”, por assim dizer, considerando-se que não somos seres prontos, finitos, formados ou acabados, mas sim seres em movimento, incompletos, vivos e relacionais, em processo contínuo de descoberta, construção e aprimoramento.

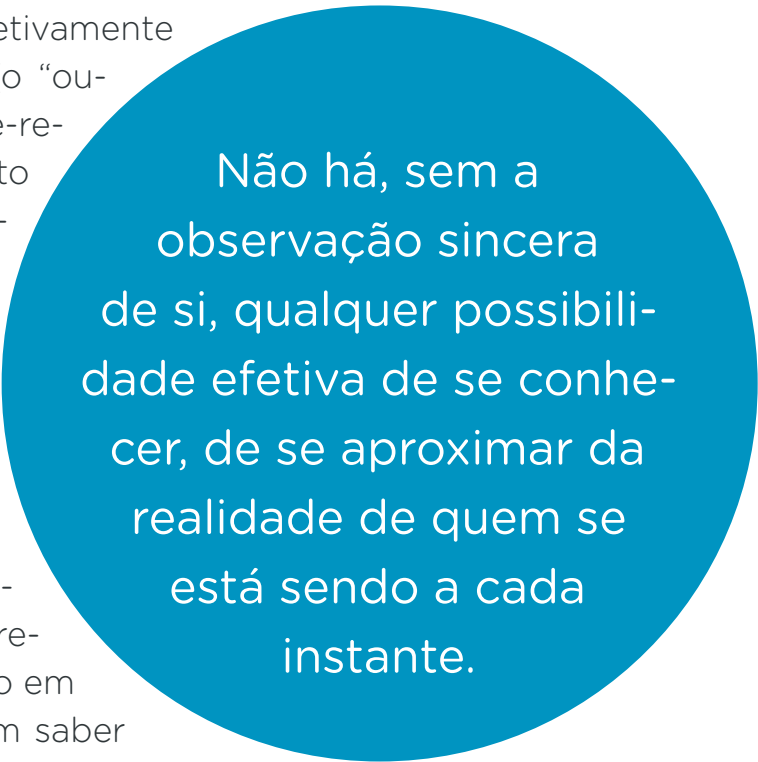
A responsabilidade do educador/a musical, considerado enquanto músico-formador nesse processo (edu-

cador, professor, facilitador, motivador, regente, co-criador, intérprete, produtor, orientador, mediador de conflitos etc.) consiste em procurar saber quem são, não exatamente os seus “alunos” mas, as pessoas com quem trabalha, os seus parceiros musicais. Quais são os seus potenciais, limites, expectativas e necessidades, promovendo por um lado o desempenho, não apenas adequado porém, mais realista e intenso (nesse sentido mais justo) e, por outro, evitando projetar sobre os participantes os seus próprios limites, dificuldades, desejos, expectativas, crenças, frustrações etc.

Dessa forma, o seu principal atributo passa a ser o de buscar oferecer as condições básicas para que crianças, jovens ou adultos entrem em contato com os seus processos pessoais de vivência musical – autênticos e significativos, ao máximo possível –, para que haja então oportunidade de se conhecerem melhor e desde aí avancem em seus caminhos de desenvolvimento como músicos e pessoas que estão sendo no momento.

Contudo, a fim de que isso se faça de forma sincera e genuína, é esperado que o próprio educador/a musical – antes de conhecer efetivamente a pessoa com quem trabalha (o “outro”, a “outra”) – tenha como pré-requisito um melhor conhecimento da pessoa que é e dos mecanismos que determinam o seu próprio funcionamento.

Assim como, sem saber quem você é e onde se encontra em seu caminho de desenvolvimento pessoal, será praticamente impossível dar um passo que represente um avanço significativo em sua trajetória como pessoa. Sem saber de fato onde se está é impossível traçar e seguir um percurso que nos leve a um estado ou a uma



Não há, sem a observação sincera de si, qualquer possibilidade efetiva de se conhecer, de se aproximar da realidade de quem se está sendo a cada instante.

meta que visamos ou desejamos alcançar¹³.

Uma postura humana lúcida, consciente e responsável aliada à competência técnica sustentada por ações originais e realizações criativas, fazem parte das expectativas que, a meu ver, a sociedade hoje mantém a respeito do perfil de um/a profissional da Educação Musical.

Se consideramos uma Educação Musical Humanizante ou Humanizadora, aquele/a que a move e a promove, isto é, o/a profissional responsável por sua concepção e por sua prática, não é absolutamente menos importante do que o processo que implementa ou o resultado que produz. **Por isso, a música hoje é simultaneamente processo e produto, meio e fim, metáfora e realidade, e convida a todos para o recuo saudável da observação e o mergulho consciente na atuação competente e responsável.**

Ser um cidadão e participar da cultura pede hoje mais do que nunca, que cada pessoa não apenas absorva ou usufrua produtos culturais veiculados pela mídia e pelas manifestações tradicionais. Pede, sim, que cada pessoa, e em especial o/a Educador/a Musical contemporâneo/a, **interaja criticamente com a mídia e criativamente com a cultura**, enriquecendo-as com a melhor contribuição que estiver em medida de oferecer da maneira mais lúcida possível, do lugar que ocupa no mundo e com a originalidade e a responsabilidade devidas.

13. Caso duvide, faça o teste... coloque no Google Maps apenas o endereço de destino que deseja, sem no entanto indicar o seu ponto de partida, isto é o local onde se encontra, e constará então a impossibilidade de percurso a que me refiro.

Finalmente...

Essa carta acabou ficando um tanto longa e mesmo assim... ainda incompleta! Espero, então, que tenhamos uma nova oportunidade de nos encontrar e trabalharmos mais juntos. Daí poderemos quem sabe avançar um pouco mais certas reflexões, em associação direta com vivências práticas ricas, diferenciadas e significativas, buscando aproximar sempre mais a vida pensada e falada da vida praticada e vivida.

E não se esqueça de que... considerar a educação musical como um espaço que inclui também o conhecimento pessoal significativo, o exercício da autonomia e da participação esclarecida em sociedade (em conjunto com a formação musical propriamente dita) não é uma utopia. Ao contrário, é um caminho que pode ser construído a cada instante, uma meta a ser perseguida com consciência e determinação, pois é certamente uma das necessidades mais urgentes reivindicadas pelas sociedades de ontem, de hoje e provavelmente de amanhã.

Carlos Kater¹⁴



Leitura complementar



“PS sobre democracia”, por Carlos Kater.

14. Carta datada de 24 de dezembro de 2024.



Autor



Carlos Kater

carloskater@gmail.com



Carlos E. Kater é musicólogo, compositor e educador musical, Doutor em História da Música e Musicologia pela Universidade de Paris IV-Sorbonne (1981, Bolsa FAPESP), com Pós-Doutorado por esta mesma instituição (1987, Bolsa CNPq), Professor Titular concursado pela Escola de Música da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais (1991), e membro da Academia Brasileira de Música (cadeira nº 16). Possui artigos publicados em conceituadas revistas e livros, tendo sido “Arte por toda parte” (autor da parte musical) um dos 10 finalistas indicados ao “Prêmio Jabuti” (2017). É criador e coordenador do projeto de formação musical coletiva “A Música da Gente” (que já atingiu cerca de 20.000 participantes) e membro permanente do Conselho Assessor da “Cátedra Livre de Pensamento Pedagógico Musical Latinoamericano” da Universidad Nacional de las Artes (Buenos Aires). Atua como conferencista, consultor e professor, com temas associados à Musicologia Brasileira e à “Formação Musical Inventiva” (foco no desenvolvimento humano).



<http://lattes.cnpq.br/1845763886645209>